

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Santo André - 18/dez/1986

FIAMINGHI, Hermelindo

Visuais/Crítica

Enock SACRAMENTO

As influências de Volpi sobre os nossos artistas

Como Volpi é um dos mais importantes artistas brasileiros da atualidade, era de se esperar que sua obra tivesse influenciado, em determinados períodos, a produção de alguns de nossos artistas. Com a mostra *Volpi: Permanência e Matriz*, a Galeria Montesanti (avenida Europa, 655) sugere paralelos entre a pintura do mestre do Cambuci com as de Aldir, Eleonore Koch, Fiaminghi, Ianelli, Thomaz, Tozzi e Tuneu.

O projeto resultou numa exposição de nível, que deve ser vista, mas as relações estabelecidas são, na maioria dos casos, de natureza subjetiva. Tem-se a impressão de que Volpi foi utilizado como pretexto para se reunir obras de qualidade, numa coletiva capaz de sensibilizar colecionadores, enfim, como uma forma de amarração mercadológica.

É bem verdade que a maioria dos trabalhos estão sintonizados com a linha geométrica, da qual Eleonore Koch se afasta um pouco e Thomaz, bastante. Mas as aproximações e derivações só poderiam ser plenamente justificadas, em alguns trabalhos, a níveis secundários, pouco objetivos.

Relacionar a obra de Volpi à de Aldir, Eleonore Koch e Fiaminghi tem certo sentido. Koch e Fiaminghi traba-



Thomaz, *Dança Dissonante*: longe de Volpi

lham com têmpera, assim como Volpi. Aldir utiliza óleo diluído e decantado, com teor lipídico rebaixado, o que resulta numa pintura de pouco brilho, semelhante à têmpera. Além disso, eles fazem uso do pincel de forma parecida com a de Volpi, o que redundará numa textura parente. Quanto às formas, Aldir trabalha com retângulos, que são símbolos icônicos de campos cultivados. Volpi lida principalmente com quadrados, dos quais retira um triângulo, dando origem à figura da bandeirinha. Também Fiaminghi trabalha com quadrados e a conjugação de formas, cores, ritmos e texturas em suas obras surpreende pela intensa força da plasticidade. Eleonore Koch, que tra-

balhou com Volpi, herdou dele o gosto pela têmpera, pelas formas geometrizadas, por certos tons sombrios.

Não se encontram justificativas plausíveis para as presenças de Ianelli, Thomaz, Tozzi e Tuneu na mostra, a não ser pelo aspecto da qualidade de suas obras. Se foram consideradas analogias de linguagem, seria mais adequado incluir pinturas de Tito de Alencastro. A pintura de Ianelli é caracterizada por suaves passagens de cor, pela construção a partir de poucos elementos geométricos e pelas emanações colorísticas tão delicadas que remetem ao domínio de sentimento religioso. Não é o caso de Volpi, que trabalha com áreas de cor bem delimitadas por linhas retas.

Mais longe ainda da obra de Volpi está a pintura de Thomaz, adepto das linhas sinuosas, sugestivas de movimentos sutis. Poder-se-ia dizer que ambos são líricos, pintores-poetas, mas a pintura de Thomaz é mais sensível e emocional, mais requintada. Com Tozzi e Tuneu há em comum, nos trabalhos apresentados, o amor pela geometria, mas os enfoques são diferentes.

Na obra de Tozzi há a preocupação do volume, inexistente na de Volpi.

As relações entre a pintura atual de Tuneu e algumas realizadas por Volpi na década de 60 (composições com arcos) se restringem ao aspecto formal. Volpi integra estes elementos em composições maiores, enquanto Tuneu os aborda com a objetividade dos concertos, isolada de outros contextos pictóricos.

Assim como determinados artistas que utilizam uma referência para criar uma obra nova, que pouco ou nada tem a ver com seu ponto de partida, *Volpi: Permanência e Matriz* é uma obra livre de curadoria, que tem seu valor. Afinal, a coerência não é a única qualidade em arte. Sua ausência também pode induzir reflexões. E fruições. Visitação até dia 30, de segunda a sexta-feira, das 10 às 21h.